

A caracterização do conceito de estratégia na obra *Estratagemas* de Polieno

Raul Vitor Rodrigues Peixoto*

Resumo

Polieno foi um autor macedônio que viveu na cidade de Roma por volta da segunda metade do século II d.C. Ele exerceu a função de advogado por grande parte de sua vida e só na velhice, como ele mesmo declarou, decidiu escrever compêndios que tratavam de assuntos militares. À série de oito compêndios que escreveu Polieno, deu o nome de “Estratagemas”, e os dedicou todos, primeiramente aos então Imperadores Lucio Vero e Marco Aurélio e em segundo lugar a todos aqueles que possuísem um cargo de comando na guerra. Essa comunicação tem como objetivo a análise do conceito de Estratégia proposto por Polieno, que possui fortes raízes na cultura grega, mais especificamente nos poemas homéricos.

Palavras chave: Polieno, Estratégia, Manuais Militares.

Abstract

Polieno was one macedonian author who lived in the city of Rome around the second half of the second century A.D. He was the task of advocate a large part of its life and only in old age, as he himself said, decided write books dealing with military affairs. The series of eight books who wrote Polieno, gave the name of "Estrategikas", and gave all, primarily to then Imperators Lucio Vero and Marcus Aurelius and secondly to all those who had enjoyed a post of command in war. This article aims to supply the concept of strategy proposed by Polieno, which has strong roots in the Greek culture, more specifically in homeric poetry.

Key words: Polyaenus, Strategy, Military Manuals.

Sabemos, infelizmente, muito pouco a respeito de Polieno e de sua obra. Nosso conhecimento a respeito deste autor se limita àquilo que ele mesmo diz sobre si nas introduções dos oito livros que compõem seu compêndio militar. Ele declara ser de origem macedônia e ter exercido por muitos anos a profissão de advogado na cidade de Roma (*Estratagemas*, Introdução, Livro I). Informa também que escreveu sua obra fora de idade militar e dedica todos os seus compêndios inicialmente aos Imperadores Marco Aurélio e Lucio Vero e secundariamente a todos os que possuísem algum cargo de comando militar.

Da mesma forma, não sabemos especificamente em que data Polieno escreveu *Estratagemas*, mas podemos deduzir que ele o fez entre 162 e 180 d.C., pela análise da dedicatória da obra. Sabe-se que a segunda metade do século II d.C. foi um período de intensas agitações militares para o mundo romano, o que torna a obra de Polieno uma reflexão a respeito dos problemas de seu tempo. Além das invasões de britânicos, germanos,

* Mestrando em História pela UFG – Bolsista do REUNI.

marcomanos e récios, ao longo dos limites territoriais romanos, Marco Aurélio e Lucio Vero tiveram de enfrentar o Império Parto, contra o qual Roma nunca havia obtido uma vitória duradoura ou mesmo significativa.

Estratagemas foi dividida por Polieno em oito livros. Todos contam com uma breve introdução, salvo o caso do primeiro, que apresenta uma introdução mais extensa que figura como uma espécie de introdução geral ao conjunto da obra. Pode-se afirmar que, basicamente, *Estratagemas* é composta por resumos de trechos de outros autores que haviam anteriormente trabalhado com a questão da utilização de estratégias eficazes nos embates bélicos. O interessante é perceber quais estratégias foram coletadas por Polieno e como se encontram dispostas em sua obra.

Polieno dispõe esses trechos a partir de um interessante padrão organizacional: o conteúdo estratégico de determinado evento era resumido pelo autor em no máximo dois ou três parágrafos, e logo abaixo Polieno compila outro resumo que faça referência ao mesmo personagem, porém apresentando outra situação. Quando não havia outra situação elucidativa protagonizada por aquele mesmo personagem, o autor prosseguia com outro pequeno trecho que demonstre alguma outra estratégia, protagonizada por um personagem diferente do anterior, fazendo isto até que se encerre o volume em questão. Polieno utilizou esse padrão organizacional nos oito livros de *Estratagemas*, nos quais reuniu mais de oitocentos desses pequenos trechos elucidativos sobre a utilização de estratégias em vários tipos de guerras travadas por gregos, bárbaros e romanos. Esses trechos serviriam como exemplos de caráter pedagógico aos futuros generais. O comandante militar lia os trechos contidos no compêndio e tomava as situações apresentadas como exemplos a serem imitados. É o próprio Polieno quem nos indica que sua obra tem esta intenção

“Desde logo, o estudo de relatos é uma coisa útil para os que estão parados; e para os que estão à frente das armas o conhecimento dos feitos guerreiros é o melhor mestre do que se deve fazer para emular aos que venceram antigamente. Assim, pois, os próprios *estratagemas* ensinarão como emular as virtudes e vitórias dos antigos.” (POLIENO. *Estratagemas*, Introdução, V).

Ao longo da análise da obra, percebemos que ela possui alguns padrões que concedem unidade aos livros. Primeiramente, deparamo-nos com a opção de Polieno por dividir seus livros por cronologia dos eventos e etnias citadas, ao invés de dividi-los por situações de batalha, como fizeram a maioria dos outros autores de compêndios militares antigos, como, por exemplo, Frontino e Enéas, o Tático (MARTÍN GARCÍA, 1991: 156).

O primeiro livro de *Estratagemas* apresenta as estratégias de protagonistas míticos, sejam eles deuses, reis e/ou legisladores. Este volume é finalizado com diversos

tiranos gregos e feitos de comandantes atenienses e lacedemônios, que podem ser datados entre os anos de 600 e 467 a.C. No segundo livro da obra, focam-se os generais lacedemônios e tebanos, que empreenderam feitos que compreendem o período de tempo do século V ao III a.C. No terceiro, apresentam-se os feitos atenienses, tanto de seus tiranos como de seus generais. O quarto livro é aquele o qual Polieno afirma ter escrito com maior satisfação entre os oito que compõem a obra, pois trata dos feitos dos macedônios, povo do qual Polieno afirma ser descendente. O autor valoriza muito esta descendência, evocando-a sempre como fonte de autoridade para seus escritos

“Este livro, no qual aprendereis as virtudes dos nossos antepassados que reinaram na Macedônia, foi o que escrevi, por suposto, com mais agrado do que os demais.”
(POLIENO. *Estratagemas*, livro IV).

O quinto livro inicia-se com feitos de tiranos sicilianos dos séculos VI a IV a.C. e se encerra com feitos cartagineses, intercalados com personagens que, por não se achar correspondentes em outros autores, são classificados por Francisco Martín García como “personagens desconhecidos” (MARTÍN GARCÍA, 1991: 158). No sexto livro, incluem-se governantes variados que combateram entre os séculos IV e III a.C. e também estratégias que são caracteristicamente praticadas por determinados povos (ou seja, estratégias tipicamente celtas, estratégias tipicamente germânicas e assim por diante). No sétimo livro, retratam-se os grandes feitos bárbaros, persas, e de mulheres que tiveram comportamentos heróicos. Finalmente, no oitavo livro, relatam-se os feitos dignos de glória e de recordação dos generais romanos.

Assim, Polieno criou uma espécie de linha cronológica que se estende desde os tempos míticos, passando pelos deuses e heróis homéricos, comandantes gregos, persas, macedônios, culminando com as ações bélicas dos romanos. O conjunto dos oito livros de *Estratagemas* está organizado de forma que demonstre uma espécie de narrativa da evolução da estratégia no mundo antigo, apresentando de que forma como a estratégia foi utilizada desde os imemoráveis tempos míticos até os dias contemporâneos a Polieno. Nesse sentido, podemos afirmar que, apesar de não parecer ter sido a intenção inicial de Polieno criar uma história da estratégia, há em *Estratagemas* uma interessante linha cronológica de relatos militares e de grandes feitos bélicos, onde a estratégia assemelha-se a um bastão que é passado de povo a povo.

No entanto, há ainda um outro padrão na obra *Estratagemas* que é percebido quando damos atenção à estrutura narrativa criada para a exposição dos exemplos estratégicos. É perceptível que todos os exemplos resumidos e descritos por Polieno em sua

obra possuem uma característica básica, mas variante de acordo com a disposição dos relatos: personagem que executou a estratégia de combate, localidade onde se deram as batalhas e acontecimentos significativos que marcaram a guerra. Ao analisar as personagens citadas e as localidades relatadas, Martín García encontrou um padrão cronológico e étnico que dava sentido à divisão em livros do compêndio militar do macedônio (MARTÍN GARCÍA, 1991: 147-171). Contudo, um segundo padrão pode ser percebido em *Estratagemas* quando voltamos nossa análise para os acontecimentos que foram narrados nos resumos.

Acreditamos que este padrão, que pode ser encontrado nos acontecimentos narrados pelos resumos e não em seus personagens ou localidades, é o que aponta para o caráter pedagógico da obra *Estratagemas*. Ao reunir acontecimentos semelhantes, ocorridos em locais diversos e com personagens diferentes, Polieno tinha a intenção de eleger algumas práticas como mais importantes ou mesmo mais aconselháveis que outras em se tratando do intuito de vencer batalhas. O autor demonstra esta intenção pedagógica ao construir seu relato apontando uma situação semelhante a descrita anteriormente, porém ocorrida em lugares distintos e envolvendo personagens diversos. Dessa forma, o autor macedônio conclamava a um aprendizado pela imitação e pela repetição daquilo que por várias vezes teria dado certo no passado. Nas palavras do próprio Polieno: “Considerais um estratagema vitorioso também este: o aprender aquilo pelo qual venceram os generais antigos” (POLIENO. *Estratagemas*, livro V).

Portanto, pensamos que, o fato do próprio autor afirmar a sua intenção e a existência de um padrão de ensinamentos estratégicos na obra são indícios suficientes que nos permitem concluir que a obra *Estratagemas* possui um caráter didático intencional por parte de seu autor.

Mediante essa constatação a discussão em torno de “personagens desconhecidos” e “trechos que não encontram correlação” feita por Francisco Martín García, não é nosso objetivo neste artigo, pois, seu enfoque de análise consistiu em procurar correspondentes para os fatos enumerados por Polieno em outras fontes, questionando dessa forma a autenticidade dos exemplos do autor. Nosso enfoque parte de uma perspectiva diferente, que é a questão da exortação ao uso da astúcia na guerra, feita por Polieno, em sua obra *Estratagemas*. Assim não é nossa preocupação questionar uma pretensa “veracidade” dos exemplos militares arrolados por Polieno, mas sim corroborar, com análise exaustiva da fonte, um padrão de exemplos que demonstrem uma concepção diferenciada do uso da estratégia.

Para se pensar o conceito de estratégia na obra *Estratagemas*, faz-se necessário, a nosso ver, um estudo mais detalhado de um aspecto da introdução da obra. Este aspecto

refere-se aos exemplos que Polieno cita antes de iniciar o seu padrão organizativo de compilação. A obra *Estratagemas* é organizada quase que em sua totalidade de acordo com um padrão de resumos, já elucidado, só estando fora deste padrão as introduções dos oito compêndios, das quais somente a introdução do primeiro compêndio possui exemplos estratégicos (As introduções dos outros sete compêndios apresentam dedicatórias e exortações a leitura da obra mas não exemplos estratégicos). Analisaremos então os exemplos existentes na introdução do primeiro compêndio para tentar corroborar o conceito de estratégia que aparece na obra de Polieno.

Inicialmente nos utilizaremos da tese de Giovanni Brizzi a respeito do “guerreiro das origens” para compreendermos a escolha de Polieno. Para Brizzi as mudanças e a escolha dos modelos de Guerra feita pelos helenos podem ser observadas ainda nos poemas homéricos. Para isso o autor encarou os personagens dos poemas como arquétipos que podem representar, em certa medida, elementos da forma grega de guerrear (BRIZZI, 2002: 10).

O guerreiro das origens, segundo Brizzi, seria aquele que luta um combate em duelos, ou seja, arma a arma, escudo a escudo e geralmente seu adversário era também seu igual, ou seja, outro heleno. Esse guerreiro lutava possuído pela “*lyssa*”, uma espécie de fúria embriagada que levava o guerreiro a um frenesi de combate individual. Para Brizzi esse arquétipo nos poemas homéricos pertenceria a Aquiles. No entanto, apesar de todo seu valor e potência Aquiles a certa altura dos poemas homéricos morre e é como se para os gregos morresse com ele aquele antigo modo de lutar, anterior a revolução hoplítica que se deu no século VII a.C. Essa revolução hoplítica foi uma mudança na forma de organização dos combatentes gregos que passaram a se organizar

“inseridos em uma formação disposta em oito linhas, ombro a ombro com os companheiros de linha, buscando proteção para o lado descoberto sob o escudo do companheiro à direita. A lança é o instrumento ofensivo primário; portanto, não se destina a ser arremessada contra o adversário, como no mundo homérico. Trata-se, ao menos na falange clássica, não de um dardo, mas de uma longa e robusta lança de embate, que deve acompanhar o soldado durante toda a batalha. Aquilo que ele desferra contra o inimigo que o enfrenta no batalhão oposto, seja desferido por sobre as costas ou enviado de baixo ao alto, rente a borda do escudo, é sempre um golpe de ponta, com a arma bem segura no punho” (BRIZZI, 2002: 14).

Esta nova forma de ordenamento implicou em várias mudanças significativas também no campo político ao criar um sentimento de igualdade entre os que formam aquela companhia. Segundo Marcus Alvito Pereira de Souza

“O aparecimento dos soldados de infantaria pesadamente armados a lutarem de forma coesa, em grupo e não mais individualmente como nos tempos homéricos, teria sido, segundo alguns, o principal fator a explicar a ampliação da participação política. Isto é, se a segurança da comunidade deixava de repousar exclusivamente nas mãos de uma minoria de aristocratas, conseqüentemente, o monopólio político

dos nobres também era ameaçado por uma participação crescente nos assuntos da cidade por parte dos que lutavam como hoplitas.” (SOUZA, 2003: 27).

Segundo Brizzi é a interação entre dois personagens da *Ilíada* que demonstra a escolha helênica. Diomedes e Odisseu são os arquétipos do modo como os gregos escolheram levar seus assuntos militares a partir da revolução hoplítica: com inteligência astuciosa, enfim com *mêtis* a palavra grega que abarca estes dois conceitos.

Na leitura de Brizzi, Diomedes é um guerreiro tática e fisicamente tão bom quanto Aquiles, mas representa melhor o arquétipo que os gregos escolheram por que, quando não é ajudado pela própria Atena, confia sabiamente suas decisões ao filho de Laertes, Odisseu. Para Brizzi várias passagens fundamentais da *Íliada* foram protagonizadas pela interação sistemática entre a força e a prudência de Diomedes e a astúcia e os enganos de Odisseu. Essa é a formula da formação Hoplítica o modelo de guerra que imperou nos campos de batalha helenos por mais de quatro séculos, sincronia entre força e inteligência, a pareceria vencedora entre Diomedes e Odisseu.

Com a leitura da obra *Estratagemas*, percebemos que a teoria aplicada por Brizzi nos poemas Homéricos poderia também ser aplicada a obra de Polieno e que seria de grande utilidade para pensarmos um conceito de estratégia que perpassasse os oito compêndios.

Pensamos que o arquétipo de Odisseu é o exemplo que Polieno coloca como mais importante. Chegamos a essa conclusão ao analisar a própria distribuição e organização do texto escrito. Nota-se que os *estratagemas* de Odisseu estão logo no preâmbulo; antes mesmo que a estrutura padrão do texto se inicie. Ao contrario de todo o resto dos *estratagemas* que são selecionados e encadeados ao longo da estrutura padrão do texto os *estratagemas* de Odisseu vem acompanhados de perguntas retóricas de Polieno logo após serem citados, na intenção clara de convencer o leitor de que as astúcias e enganos de Odisseu eram, com certeza, *estratagemas* geniais.

Para exemplificarmos segue abaixo uma versão de um dos trechos da introdução de *Estratagemas* onde Polieno arrola estratégias de Odisseu citando sempre trechos da *Odisséia*, buscando assim legitimação em uma obra já consagrada no mundo antigo

“Por certo que os *estratagemas* que empregou contra os inimigos Homero os canta muitas vezes:

Infringindo-lhes indecorosos golpes

Fingiu, efetivamente, passou pelo inimigo. E o cavalo de Troia, ele

...Fez com a ajuda de Atena.

Este era também um *estratagema* de Odisseu. E o de Nadie, o vinho, o tição e o carneiro poderiam com certeza se chamar de *estratagemas* contra o Ciclope. E a cera que colocou nos ouvidos dos seus companheiros enquanto amarrou-se no mastro de pé, também isso ele planejou contra a música funesta das sereias. E o que dizer do disfarce de mendigo e quando fingiu frente a Eumeo e com Penélope?

Sabia dizer muitas mentiras que pareciam verdades.

E para lutar com Iro, e retirar para a fumaça as armas dos jovens bêbados, e tensar o arco desde a porta. Por acaso tudo isso não eram estratégias contra os inimigos? Mas já é o bastante destes ou outros ensinamentos pelo estilo de Homero. Como, por exemplo, aquele estratégia de Odisseu que os trágicos cantam: Venceu Odisseu a Palamedes no tribunal dos aqueus, introduzindo em sua tenda ouro bárbaro. E aquele, que era o mais prudente dos gregos, foi condenado por traição por esse astuto estratégia.” (POLIENO, *Estratégias*. Introdução. Livro I).

Assim, podemos concluir que a introdução de *Estratégias* é crivada por citações de trechos de poemas homéricos que legitimam e fornecem a Polieno sua pedra de alicerce, um exemplo fundamental, um ponto de partida para seus outros mais de 800 exemplos estratégicos. Polieno usa Odisseu para caracterizar a estratégia como algo a ser utilizado também fora dos campos de batalha. De maneira que desafia seus leitores a perceber nas atitudes do herói planos bem pensados e arquitetados não somente no decorrer da guerra mais em qualquer situação enfrentada por Odisseu. “Acaso tudo isso não eram estratégias contra os inimigos?” (POLIENO, *Estratégias*, Introdução. Livro I) pergunta Polieno aos seus leitores depois de apresentar-lhes as clássicas demonstrações de astúcia que Odisseu usa contra seus inimigos. O brilhante diálogo com o Ciclope, dentre tantos outros planos criados pelo herói, são apresentados como estratégia e não como simples soluções de problemas. A própria invasão de Tróia é atribuída a Odisseu, sob a benção da deusa Atena, símbolo da guerra feita com inteligência.

É apoiado nas atitudes de Odisseu que Polieno fará também a elegia da *mêtis* como a forma ideal de se arquitetar um plano para se vencer qualquer tipo de embate. Para o autor uma das maiores capacidades de Odisseu fora “Dizer muitas mentiras parecidas a verdades” (*Odisséia*, XIX 203 apud POLIENO, *Estratégias*, Livro I) que aplicavam, para vencer o inimigo, golpes mais devastadores do que a própria força física, como muitos exemplos dados pelo autor no decorrer de seus oito compêndios.

Concluimos que na obra *Estratégias* a estratégia perpassa os campos de batalha sendo levada a toda espécie de situação onde exista um embate. Na introdução do livro III, Polieno diz:

“Os ofereço, sagrados imperadores Antonino e Vero, este terceiro livro dos *Estratégias*; com ele a sabedoria e a arte da estratégia poderiam ser uma coisa utilíssima não só para os que fazem a guerra, mas também para os que estão em paz. Todos os governantes, com efeito, precisam da estratégia e previsão política com a qual dirigir as cidades fazendo o que se deve. E vós, que tens o mando total e estais a frente do todo, sempre decidam com a ciência da estratégia o conveniente para vós e seus súditos.

A estratégia perpassa o âmbito militar e alcança o status de uma ciência (obviamente não no sentido moderno) que auxilia as decisões políticas. Seja na paz, seja na

guerra, a estratégia deve ser estudada e praticada, para que sirva de ferramenta sempre presente. Ela deverá acompanhar os imperadores, assim como acompanhou Odisseu, em toda sua trajetória.

Referências Bibliográficas

POLIENO. *Estratagemas*. Tradução de Francisco Martín García. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

BRIZZI, Giovanni. *O guerreiro, o soldado e o legionário*. São Paulo: Madras, 2002.

CAMPBELL, Brian. “Teach Yourself How To Be a General”. In: *The Journal of Roman Studies*. London. Vol. 77. (1987), pp 13-29.

SOUZA, Marcos.Alveito.Pereira.de ..*A Guerra na Grécia Antiga*. São Paulo: Ática, 1988.